



BOCA DO POVO



OMAR PERES

omarperes.blogspot.com

Com a Redação

JOÃO SCHUBERT

Cento e dezesseis pessoas morreram em acidentes nas estradas federais de Minas Gerais durante o mês de julho. O número de mortes cresceu se comparado a igual período de 2008, quando foram registradas 89 mortes. De acordo com dados da Polícia Rodoviária Federal (PRF), aconteceram 2.086 acidentes nestas rodovias ao longo do mês passado. Foram realizadas 119 autuações de motoristas que dirigiam embriagados. No ano passado, 90 condutores foram flagrados bêbados ao volante.



Ontem, lavei a alma com o artigo do Joaquim Ferreira dos Santos, no O Globo. É que, às vezes, em vista do conservadorismo de boa parte de nós, mineiros, sinto que meus textos "chocam" alguns, pela forma incisiva e inapelável que trato essa elite vagabunda de Juiz de Fora, formada e composta por vários ramos de atividades, tais como os políticos, obviamente em primeiro lugar, mas também empresários, professores, jornalistas etc, que se locupletam para ganhar algum, sempre, claro, nas costas do governo, com o dinheiro do povo.

Mostro em meu blog minha liberdade, não como jornalista que não sou, mas como cidadão indignado com a decadência econômica e a falta de ética das autoridades da cidade e do País. A indignação contra os Sarney, contra os bejanis, contra os custódios, contra as liminares que tentam silenciar a imprensa livre; contra o continuísmo e a falta de vergonha na cara dos políticos que fazem qualquer acordo para ganhar o poder (vide Bejani/custódio - Sebastião Helvécio/Bejani - Custódio/Sebastião Helvécio etc); contra o filhotismo; contra as falcatruas de empresários que permutam terrenos com a prefeitura, ganham milhões e ainda repassam gordas comissões para prefeito, e tantos outros exemplos que empurram o País para um abismo chavista.

E, ontem, pelo artigo do Joaquim Ferreira dos Santos, vejo que não estou tão equivocado assim. O blog está certo em sua veemência, em sua liberdade jornalística. Por isso, tomo a liberdade de reproduzir alguns trechos do artigo desse maravilhoso cronista carioca, sobre o "jornalismo livre" (grifos, negritos e caixa alta são meus), que me deu a definição LITERAL DO QUE É O BLOG DO OMAR PERES: LIBERDADE !!! Acho que todos vão concordar com o Joaquim e comigo: "... Eu invejo o estilo literário da carta

"Pau na canalha"

do leitor na página 6 do Globo. Ele é um suicida literário (no meu caso - seria eu um suicida político?), sempre prestes a cravar o peito de exclamações virulentas para que a autoridade inescrupulosa, chafurdando na lama da corrupção, tenha vergonha na cara e perceba o despropósito a que chegamos".

"O jornal é a grande praça pública moderna, o local para se por fogo às vestes e gritar que foi ele, pega esse ladrão contumaz. Será que esse energúmeno engratado, continua o leitor, não percebe que a cidade, essa pocilga, é um valhaçouto de bandidos da pior espécie?!

Eu invejo, acima de tudo, a boca cheia dessas cartas, todas prenhes do que os antigos chamavam de "sem papas na língua". Num mundo dominado pelos corretores de textos, que aproveitam a deixa e corrigem também as emoções, o verbo quente do leitor assíduo fica naquela faixa da eloquência que os editores pedem aos jornalistas profissionais para que seja evitada".

"Eu acho que é justamente o que falta, O PAU NA CANALHA, o ovo podre na semântica, nas páginas dos jornais".

"O leitor não tem medo de processo (eu, Omar, já tenho uma meia dúzia), não escreve sob o jugo dos manuais de redação e pegou para ele todos os pontos de exclamação que o jornalismo moderno acha brega. É a sua flecha no encalço dos bandidos. Ele mete bronca, usa o "é um absurdo!" como vírgula, e estamos conversados. Não precisa no dia seguinte se desmentir no mesmo espaço, com o mesmo número de linhas. É um homem livre. Já que a autoridade constituída se escondeu no gabinete, ele usa o verbo solto como se espertasse o

dedo na cara do salafário".

"Nada de pose para agentes literários, nem aí para a academia. O leitor não discute a necessidade de diploma para escrever no jornal. Passa ao largo dos bons modos da prosa contemporânea e dos regulamentos de inscrição para o Prêmio Esso. Escreve com todas as letras. Ninguém presta. Todos os políticos são bandidos, pulhas da pior espécie. Até quando, senhor prefeito?

Eu, sinceramente, invejo a carta do leitor pela rapidez e clareza com que vai ao ponto. Gosto de sua despreensão estilística, uma água límpida que deixa ver no leito do rio as pedras a serem atiradas no quengo dos que se locupletam nas falcatruas públicas. Bandalheira, despautério, chusma de calhordas. O leitor não deve favor nenhum a ninguém. Jamais almoçou no palácio, jamais recebeu uma informação de cocheira do prefeito. Se há governo, é contra - e era isso que estava escrito no início da profissão de jornalista.

"A carta do leitor é onde ainda se leva ao pé da letra o princípio básico do negócio de imprimir informação, uma sabedoria cunhada há tempos por Milor Fernandes - "jornalista é oposição, o resto é armazém de secos e molhados" - e tão desprezada hoje".

"De todos os textos que li semana passada nenhum me vibrou mais inveja do que o da carta da leitora Cristina Silva Borensztajn, publicado dia 28 na página 6 do Globo, com o título de "O namorado da neta". Cristina diz que "é um escárnio, um abuso e, acima de tudo, falta de respeito ao cidadão de bem ler nos jornais a frase esnobe do namorado da neta de Sarney".

"Os professores de comunicação deveriam exibir a carta de Cristina em

suas salas aulas como exemplo de estilo a ser perseguido. Um primor de fluência. Ela cita a tal frase, uma bobagem do pobre coitado atacadado ao cargo que o senador lhe nomeou secretamente, e continua apertando a sua jugular: "um fedelho". Cristina finaliza na jugular do Sarney: "Isso não é um Senado".

"Eu invejo do fundo da redação, já que o coração não é mais de bom tom escancarar em público, essa veemência cívica, essa urgência de justiça, esse sangue que pulsa nas veias das vírgulas da carta do leitor. Era mais ou menos essa a trinca santa do jornalismo, e que se foi ajustando às necessidades de mais elegância no texto, mais cuidado na percepção dos códigos jurídicos e menos personalidade autoral nas matérias.

"Se os jornais e revistas dão a impressão de terem sido preenchidos por uma única pessoa, na carta dos leitores pululam as personalidades. É liberado o culto das idiossincrasias. É permitido desconfiar de tudo, até mesmo da integridade do jornal, e gritar o que estiver doendo do jeito que aprover o vernáculo".

"Há entre os leitores quem ache a polícia do Rio uma súcia. Outros, delatória. Sobre a Câmara há unanimidade. Só ladravaz. Onde já se viu! Assim não dá!"

"Chega de jornalismo bem comportado, com bênçãos ao ombudsman e elogios ao senhor doutor".

"EU QUERO O ESTILO DESABUSADO DA CARTA DO LEITOR, A CAMA DAS EXCLAMAÇÕES EM QUE A INDIGNAÇÃO PÚBLICA JAMAIS DORME CALADA".

Eu também, Joaquim, quero a mesma coisa. Por isso o blog do Omar Peres e a coluna a "boca do do povo" serão sempre a "cozinha" da redação, a liberdade em forma de palavras. Obrigada por seu artigo. Lava a alma.

O.P.